

TRADUÇÃO: UMA AÇÃO POLÍTICA DE REFORÇO DA IDENTIDADE NACIONAL

*Lilia Baranski Feres**
*Valéria Silveira Brisolara***

RESUMO

Embora o português seja o sexto idioma mais falado mundialmente, o Brasil carece de tradição na exportação literária. Ademais, a escassa literatura que alcança outros países pode ser insuficiente para representar nossa diversidade cultural, fomentando a formação de determinados discursos estrangeiros sobre a identidade nacional e a vida social brasileiras. Esse complexo panorama nos campos literário e editorial coaduna-se com iniciativas federais que visam ao incremento da participação brasileira na literatura internacional. O Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, aliado à revista *Granta* (2012) intitulada *The best of young Brazilian novelists*, surge como resposta à supracitada problemática. Ainda que medidas sejam tomadas para que autores brasileiros ganhem mais espaço internacionalmente, é preciso atentar para a forma como as obras – e, conseqüentemente, a cultura brasileira – são traduzidas. Suportado pelas proposições acerca da centralidade da cultura e da identidade cultural (HALL, 1997; 2005), e pela teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990), este trabalho objetiva refletir sobre a importância das iniciativas federais, aliadas à *Granta* (2012), para a (nova) literatura brasileira. Baseado nos fundamentos da invisibilidade do tradutor (VENUTI, 1995), e em resultados de análises apresentadas no artigo, chama-se atenção para os diferentes métodos de tradução e as implicações das escolhas do tradutor em relação a aspectos culturais formadores de uma identidade nacional, que configuram a tradução como uma ação política de reforço da identidade nacional.

Palavras-chave: Tradução. Cultura. Literatura. Identidade.

ABSTRACT

Even though Portuguese is the sixth most widely spoken language worldwide, Brazil lacks tradition in exporting literature. Furthermore, the scarce literature that succeeds reaching other countries may be insufficient to represent the diversity of our culture, fomenting the creation of certain foreign discourses about Brazilian national identity and social life. This complex scenario in both literary and editorial fields is in line with federal government initiatives that aim at boosting Brazilian participation in international literature. The Support Program for the Translation and Publication of Brazilian Authors Abroad, combined with the publication of *Granta* magazine (2012) entitled *The best of young Brazilian novelists*, come as a response to the aforementioned issue. Although measures are being taken to ensure that Brazilian authors gain more visibility internationally, it is important to pay special attention to the way works – and, hence, Brazilian culture – are being rendered. Supported by propositions about the centrality of culture and cultural identity (HALL, 1997; 2005), as well as the polysystem theory (EVEN-ZOHAR, 1990), this work aims at reflecting on the importance of federal initiatives, in combination with *Granta* (2012), to our (new) Brazilian literature. Based on the translator's invisibility fundamentals (VENUTI, 1995), and on analyzes results presented in the article, it is necessary to focus on different translation methods and on the implications of the translator's choices regarding cultural aspects that constitute a national identity, shaping translation as a political action of national identity reinforcement.

Keywords: Translation. Culture. Literature. Identity.

* Mestranda do Centro Universitário Ritter dos Reis-RS; Bolsista FAPERGS. Endereço eletrônico: liliabaranski@hotmail.com

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis-RS. Endereço eletrônico: valeria_brisolara@uniritter.edu.br

INTRODUÇÃO

Por um lado, sabe-se que a tradução é uma atividade que perpassa fronteiras e que é essencial para o intercâmbio de pessoas, produtos e ideias. Por outro lado, pouco se investiga sobre a forma como os fluxos de troca acontecem e sobre o que resulta dessas trocas. Alguns dos desdobramentos são a criação e a circulação de discursos que servem de base para compreensão das mais diversas identidades que compõem o mosaico mundial. Pelo fato de as trocas culturais não serem igualitárias, criam-se polaridades com as culturas hegemônicas se contrapondo às não hegemônicas, nos mais diferentes âmbitos. Hall nomeia essa dinâmica como “geometria do poder” (HALL, 1997), pois regras implícitas estabelecem quem exporta e quem importa, o que é trocado e em que quantidade.

Essa engrenagem pode ser observada no âmbito literário. Mesmo sendo o português uma língua de grande expressividade em número de falantes, nosso futebol de reconhecimento mundial, nosso carnaval e música com fama internacional, nossa literatura não é capaz de reproduzir o mesmo sucesso. Nosso país carece de tradição no que tange à exportação de literatura, consolidando-se como uma nação que mais importa – principalmente títulos de língua inglesa – do que exporta títulos literários.

Nesse sentido, é necessário que se investigue como a parca literatura que alcança o exterior representa nossa multiplicidade cultural. Por isso, o presente estudo se propõe a averiguar diferentes frentes de ação em um sentido de incrementar a participação brasileira no cenário literário internacional, a saber: o Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, do governo federal; a publicação do volume 121 da revista literária inglesa *Granta* intitulada *The best of young Brazilian novelists*, publicada por meio de bolsa do referido programa; e as estratégias de tradução utilizadas para verter vocábulos de especificidade cultural de dois contos extraídos da citada edição da *Granta*, com o objetivo de avaliar se as marcas identitárias brasileiras foram preservadas ou anuladas no processo tradutório. É pertinente salientar que a tradução é aqui tomada como uma atividade socialmente situada, composta por diversas engrenagens oriundas de diferentes áreas do conhecimento e altamente poderosa. Por essa razão, ela é aqui estudada de uma forma mais global, que extrapola o texto.

O PROGRAMA DE APOIO À TRADUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS NO EXTERIOR

Em 2011, o governo federal, através do Ministério da Cultura e da Fundação Biblioteca Nacional, lançou o Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, encabeçado pelo Programa de Internacionalização do Livro e da Literatura Brasileira. Por meio de editais, editoras estrangeiras interessadas em publicar obras brasileiras traduzidas podem concorrer a bolsas no valor de até R\$ 8 mil.

Através de coleta de dados junto à Fundação Biblioteca Nacional, chegou-se ao número de títulos brasileiros publicados no exterior por meio da concessão de bolsas no período 2010-2014. O gráfico abaixo, elaborado a partir das informações levantadas, resume a evolução das publicações nos países participantes.



Gráfico 1: Total de obras traduzidas por ano¹

Por o foco deste trabalho não ser as análises quantitativas do programa federal, o gráfico cumpre o papel de apenas ilustrar a resposta do mercado editorial internacional à medida governamental². Análises mais detalhadas desses resultados já foram realizadas (FERES, 2016). Percebe-se que o número de obras brasileiras traduzidas vem crescendo desde 2010. É verdade que houve uma ligeira queda em 2014, mas a linha de tendência indica uma continuação desse aumento para os anos seguintes. Um dos pontos mais importantes desses dados é que o investimento federal parece estar sendo eficaz no sentido de incrementar a participação brasileira no mercado editorial estrangeiro, mesmo que os números sejam discretos.

THE BEST OF YOUNG BRAZILIAN NOVELISTS

Um dos títulos brasileiros publicados em 2012 com bolsa do Programa de Apoio à Tradução no Reino Unido foi *The best of young Brazilian novelists*, traduzido a partir da edição *Os melhores jovens escritores brasileiros* da *Granta* em português, publicada também em 2012. A obra se propõe a apresentar uma lista de vinte jovens escritores (com menos de 40 anos) com potencial de construir uma sólida carreira literária.

Cada um dos vinte autores é apresentado por meio de um conto que fora selecionado por um comitê julgador composto por sete jurados. Na versão inglesa, nem todos os contos foram traduzidos. Seis deles foram substituídos por outros contos. Essa escolha foi de responsabilidade do corpo editorial da *Granta* inglesa e, para fins deste trabalho, não cabem maiores análises³.

¹ O gráfico presente no trabalho foi elaborado pelas autoras a partir dos dados coletados junto à Fundação Biblioteca Nacional.

² Análises mais detalhadas desses resultados já foram realizadas (FERES, 2016). Algumas foram apresentadas e publicadas em outros eventos. Outras serão publicadas em outros meios.

³ Maiores detalhes sobre a *Granta* foram apresentados e publicados em outros eventos. Ademais, a análise integral da revista (e seus contos) consta em dissertação de mestrado (FERES, 2016).

TRADUÇÃO DE VOCÁBULOS DE ESPECIFICIDADE CULTURAL EM DOIS CONTOS PUBLICADOS A PARTIR DO PROGRAMA DE APOIO À TRADUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS NO EXTERIOR

Os contos selecionados são analisados a partir das noções de tradução domesticadora e tradução estrangeirizadora de Venuti (1995). Um texto domesticado caracteriza-se pela anulação de marcas culturais, oferecendo ao leitor uma leitura mais fluente, facilitada e familiar à sua cultura. Já um texto estrangeirizado, caracteriza-se pela preservação desses traços, entregando ao público uma leitura marcada por estranhamentos e, por isso, mais trabalhosa e menos familiar. Para fins de aplicação da teoria, os termos culturais foram estabelecidos e identificados com base em categorias de definição propostas por Newmark (2003) e Katan (1999) que, de forma geral incluem nomes próprios, neologismos, metáforas, lugares, roupas, comidas típicas, gírias, elementos da ecologia, fauna e flora. Logo mais, seguem as análises dos contos.

Animais/Animals

De Michel Laub, *Animais* (2012) narra as experiências e relações do personagem com diferentes animais que fizeram parte de sua vida (na infância, na juventude e na vida adulta), mas principalmente do cão Champion, morto de forma trágica. Esses relatos são intercalados com episódios de mortes de amigos e do pai, por quem o personagem nutria grande intimidade.

Michel Laub nasceu em Porto Alegre em 1973 (mas vive em São Paulo). É escritor e jornalista. Foi editor-chefe da revista Bravo, coordenador de publicações e internet do Instituto Moreira Salles e colunista da Folha de São Paulo. Publicou seis romances: *Musica anterior* (2001), *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *O gato diz adeus* (2009), *Diário da queda* (2011), com direitos vendidos para o cinema, e *A maçã envenenada* (2013). Suas obras foram publicadas em 12 países e em 9 idiomas. Recebeu os prêmios *Jewish Quaterly-Wingate* (Inglaterra, 2015), *Transfuge* (França, 2014), Jabuti (2014; segundo lugar), Copa de Literatura Brasileira (2013), Bravo Prime (2011), Bienal de Brasília (2012) e Érico Veríssimo (2001). Foi finalista dos prêmios Correntes de Escrita (Portugal, 2014), São Paulo de Literatura (2012 e 2014), Portugal Telecom (2005, 2007 e 2012) e Zaffari & Bourbon (2005 e 2011).

A tradutora do conto é Margaret Jull Costa. É britânica e traduz, há mais de vinte e cinco anos, ficção e poesia do português e do espanhol. Sua extensa lista de traduções inclui nomes como António Lobo Antunes, Bernardo Atxaga, Diogo Mainardi, Fernando Pessoa, Javier García Sánchez, Javier Marías, Eça de Queiros, José Saramago, Lídia Jorge, Luís Cardoso, Luis Fernando Veríssimo, Paulo Coelho, entre muitos outros. Ganhou diversos prêmios: *Portuguese Translation Prize* (1992, 1996, 2002); *International IMPAC Dublin Literary Award* (1997); *Oxford-Weidenfeld Translation Prize* (2000, 2006, 2008, 2011); *PEN/Book-of-the-Month Club Translation Prize* (2008); *Calouste Gulbenkian Prize* (2012); *Jewish Quaterly-Wingate Prize* (2015), entre outros. Sua carreira profissional teve início com algumas traduções feitas para a revista literária Granta, sendo a obra *Watching the rain in Galicia*, de Gabriel García Márquez, sua primeira tradução.

Os quadros abaixo constituem a amostragem de dados mais relevantes:

Nomes próprios	
<i>Animais</i>	<i>Animals</i>
Porto Alegre	Porto Alegre
Praça da Matriz	Praça da Matriz
Brasil	Brazil
São Paulo	São Paulo
Alameda Itu	Alameda Itu
Recife	Recife
Capão da Canoa	Capão da Canoa
Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
Lagoa dos Patos	Lagoa dos Patos
Brasília	Brasília
Santa Rosa	Santa Rosa
Roosevelt	Avenida Roosevelt

Outros termos culturais	
<i>Animais</i>	<i>Animals</i>
segundo grau	final year in school
Bauru	cheese and roast beef sandwiches
Quilômetros	miles
Pangaré	old horse
Churrasco	barbecue
Churrascaria	churrascaria
Churrascaria	restaurant
Nescau	chocolate milk

O vocabulário compilado nas tabelas nos mostra que os nomes próprios, todos referentes a lugares (cidades, países ou locais de cidades), foram vertidos para o inglês, aparentemente, segundo uma diretriz. As localidades que possuem grafia diferenciada na língua inglesa foram traduzidas (Brasil, por exemplo). Os que não possuem grafia diferenciada foram mantidos (Porto Alegre, Capão da Canoa, etc.). Um detalhe curioso: o termo ‘Praça da Matriz’ foi mantido, mesmo podendo ser parcialmente traduzido para ‘Matriz *Square*’. Já o vocábulo ‘Roosevelt’ precisou ser acrescido do termo ‘Avenida’, provavelmente para explicitar que se trata de um logradouro e não do ex-presidente americano Franklin D. Roosevelt. Mesmo assim, ‘Avenida’ foi preterida à ‘*Avenue*’, indicando que o procedimento de manter os nomes próprios originais na tradução – claramente uma abordagem estrangeirizadora – foi levado muito à risca.

Por outro lado, os demais termos culturais não sugerem a mesma tomada de decisão. A maior parte do léxico foi traduzida de forma domesticadora. A opção por ‘*final year in school*’ ao invés de ‘*secondary education*’ (no Reino Unido) aponta para um provável desconhecimento das diferenças existentes entre os sistemas educacionais brasileiro e britânico. Pode ser também que a tradutora tenha optado por uma resolução mais rápida de uma questão cultural, já que o antigo segundo grau brasileiro correspondia aos três anos de ensino médio (quando os alunos têm, via de regra, 15, 16

e 17 anos), enquanto o *secondary education* equivale aos *Key Stages* 4 (com duração de dois anos e idade entre 14-16) e 5 (com duração de dois anos ou mais e idade entre 16 e 19). A tradução de ‘bauru’ por ‘*cheese and roast beef sandwiches*’ é uma nítida exemplificação da utilização do método domesticador. A tradutora não manteve o termo bauru, que poderia constar em itálico, juntamente com uma nota de rodapé ou uma breve explicação no próprio corpo do texto. Caso um desses recursos tivesse sido utilizado, o leitor estrangeiro poderia tomar conhecimento de que no Brasil é comum comermos baurus, algo que se assemelha a um *cheeseburger* (o que é muito diferente do que nós, gaúchos, chamamos de Xis), mas não o é; algo parecido com o *hamburger*, mas não igual. A naturalização de elementos desse tipo foca no fácil entendimento do texto traduzido, acarretando a chamada transparência (fluência) do texto, a invisibilidade do tradutor e de sua inerente interferência (VENUTI, 1995).

A utilização de ‘*miles*’ no lugar de ‘quilômetros’ também evidencia uma tendência domesticadora, já que distâncias mais longas são geralmente medidas em miles no Reino Unido (a medição em polegadas, pés e jardas são mais utilizadas para pequenas distâncias; ‘metros’ pode ser utilizado em situações específicas). A troca de ‘churrasco’ por ‘*barbecue*’ é outra demonstração patente de uma tradução domesticadora. Enquanto o *barbecue* consiste em uma refeição na qual carne, peixe ou outro alimento é preparado fora de casa (geralmente no pátio, deck ou varanda) sobre uma grelha, o churrasco consiste em carne (de gado, porco, ovelha, etc.) assada no espeto em uma churrasqueira (geralmente) feita de tijolos, não necessariamente fora de casa. Ao traduzir ‘churrasco’ pelo equivalente inglês/americano ‘*barbecue*’, perde-se toda a rede associativa que o termo brasileiro suscita, fazendo com que o leitor da tradução imagine uma refeição bastante familiar a sua cultura, prática que prioriza a soberania de uma cultura sobre outra. A alternativa encontrada pela tradutora para o termo ‘Nescau’, o qual passou a ser usado de forma generalizante no Brasil para denominar qualquer achocolatado em pó, foi utilizar o equivalente mais próximo da bebida que, em um contexto de língua inglesa, geralmente consiste em leite adoçado com sabor chocolate. Manter ‘Nescau’ (possivelmente com uma nota de rodapé) seria uma prática totalmente estrangeirizadora, pois obrigaria o leitor a confrontar-se com a cultura do outro, tal qual ocorreu com a Coca-cola, que não chegou a nós como ‘bebida/refrigerante à base de cola’.

A manutenção dos nomes próprios na versão inglesa parece estar em concordância com a tradução estrangeirizadora. A adaptação das demais palavras culturais, por sua vez, parece ser domesticadora. A adoção dos dois métodos no mesmo texto não configuraria um paradoxo, fosse a tradução domesticadora adotada à risca no segundo grupo de palavras. No entanto, como é possível observar, a estratégia foi adotada de forma inconsistente. Isso fica evidente na incoerência em traduzir ‘churrasco’ por ‘*barbecue*’ (domesticador), mas levar ‘churrascaria’ como ‘*churrascaria*’ (extremamente estrangeirizador), em itálico para salientar a estranheza e sem nota de rodapé auxiliando a compreensão pelo leitor. Ademais, logo em seguida, quando ‘churrascaria’ surge novamente, ‘churrascaria’ não é empregada; no lugar, utiliza-se ‘*restaurant*’. Embora essas palavras não sejam primordiais para o entendimento do conto, já que no trecho em que elas se encontram o mais relevante são o motivo pelo qual as personagens estão reunidas, as conversas trocadas e as reflexões do personagem principal, seria interessante que a tradutora se mostrasse consistente nas suas escolhas, com vistas a não oferecer ao leitor mais dúvidas do que o necessário e a estar atenta às implicações ideológicas de suas opções.

Aquele vento na praça/That wind blowing through the Plaza

De autoria de Laura Erber, *Aquele vento na praça* (2012) se dá logo após a morte do famoso artista visual Paul Neagu, falecido em 2004. O narrador-personagem, também artista visual, adotou o nome Phillip Honneysuckle, o qual pertencia a um dos membros fictícios do *Generative Art Group* criado por Neagu em 1972. O museu Tate designa Honneysuckle para ir à Bucareste com o propósito de comprar alguns trabalhos censurados de Neagu para uma exposição em Londres. Durante a viagem, ele conhece Stefan e Martina Ptyx, pai e filha, que talvez tenham uma caixa com objetos de Neagu. Martina torna-se um enigma para o personagem principal e sua empreitada fica ofuscada pelo encantamento por ela.

Laura Erber nasceu no Rio de Janeiro em 1979. É artista visual e escritora de contos, ensaios e poesia. Formada em Letras, com doutorado em Literatura, foi escritora residente na *Akademie Schloss Solitude* de Stuttgart e no *Pen Center* de Antuérpia. Publicou contos e diversas obras, entre elas, *Insones* (2002), *Os corpos e os dias* (2008), *Körper und tage* (2006), *Celia misteriosa* (2007), *Vazados e Molambos* (2008), *Bénédicté vê o mar* (2011), *Ghérasim Luca* (2012), *Esquilos de Pavlov* (2013) e *Bénédicté não se move* (2014).

Anna Kushner, tradutora do conto, nasceu na Filadélfia e foi para Cuba em 1999. Cresceu falando espanhol e começou a aprender francês aos dez anos de idade. Começou a aprender português em Boston e o aperfeiçoou no Brasil. Anna traduz a partir desses três idiomas. É tradutora dos livros *The halfway house*, de Guillermo Rosales; *The Autobiography of Fidel Castro*, de Norberto Fuentes; *Jerusalem*, de Gonçalo M. Tavares; *Leapfrog*, também de Guillermo Rosales; e *The man who loved dogs*, de Leonardo Padura Fuentes.

O quadro abaixo contempla todos os vocábulos de maior carga cultural encontrados na obra:

Termos culturais	
<i>Aquele vento na praça</i>	<i>That wind blowing through the plaza</i>
caipira	provincial
quilômetros	kilometres
cafundó	backwater town
bilboquê	a game with a cup and ball

Das quatro palavras, três indicam um movimento mais domesticador de tradução. Quando ‘caipira’ é vertido como ‘*provincial*’, perde-se a noção de alguém com modos rústicos, simples, grosseiros; de alguém com falta de requinte ou bom gosto. Por outro lado, preserva-se a ideia de alguém proveniente de um local afastado das grandes cidades; no caso do caipira, geralmente o campo e/ou a roça. De forma similar, quando ‘cafundó’ é traduzido como ‘*backwater town*’, a ideia de um local calmo (como um vilarejo ou cidade pequena), com pouca atividade e progresso – o que não deve ser o caso de Bucareste, capital da Romênia e centro comercial do país – é priorizada ao invés da noção de um local muito distante, de difícil acesso. ‘Bilboquê’ foi traduzido para o seu equivalente mais próximo: ‘*a game with a cup and ball*’, ligeiramente diferente, pois consiste em um pequeno recipiente (geralmente de madeira como o bilboquê) com uma haste na qual a bola

deve ser lançada a fim de ser encaixada. Ao optar pela naturalização desses fragmentos estrangeiros à cultura do leitor, reforça-se a identidade cultural da língua de chegada, nutrindo uma apreciação pelos aspectos particulares dessa cultura.

O único termo mantido, configurando uma tradução mais estrangeirizadora, foi ‘*kilometres*’. No entanto, tal decisão pode ser interpretada de duas formas: ou a tradutora optou por ‘*kilometres*’ por ser a medida usada para calcular distâncias na maior parte dos países (inclusive nos países onde se falam as línguas a partir das quais Kushner traduz: espanhol, francês e português) ou a tradutora realmente optou pelo método estrangeirizador, o que indicaria uma incoerência em relação ao restante do vocabulário (mais domesticador) e uma falta de consciência em relação aos desdobramentos ideológicos implícitos nas técnicas de tradução.

A análise do *Aquele vento na praça* (2012), em busca de marcas culturais brasileiras, resultou em um dado bastante curioso. A escrita em português é repleta de termos estrangeiros (por vezes, ressaltados em itálico), muitos dos quais relacionados à alta cultura. Há também o uso de outros idiomas e de termos internacionalizados, o que sugere um original com traços estrangeirizados. O conto apresenta uma ambientação completamente avessa ao que se espera de uma literatura brasileira enquadrada nos parâmetros canonizados por autores clássicos que normalmente representam nossa literatura no exterior, como Jorge Amado, Moacyr Scliar, Guimarães Rosa e Machado de Assis. O quadro abaixo apresenta apenas alguns exemplos selecionados para ilustrar a atmosfera do conto.

Termos estrangeiros	
<i>Aquele vento na praça</i>	<i>That wind blowing through the plaza</i>
<i>tuicã</i>	<i>Țuică</i>
<i>strigoi</i>	<i>strigoi</i>
Royal College of Art	Royal College of Art
Tate Modern	Tate Modern
Victoria and Albert Museum	Victoria and Albert Museum
papanasi	<i>papanasi</i>
Paulo Coelho	Paulo Coelho
<i>Brida</i>	<i>Brida</i>
pitonisas	Pythia

Nessa listagem, encontram-se variados tipos de palavras. Há elementos da culinária romena: *Tuicã*, bebida típica alcoólica à base de ameixas; *papanasi*, uma pequena bola de massa frita (ou cozida) geralmente recheada com queijo de sabor suave e uma geleia de sabor amargo. Termos relacionados a artistas e à alta cultura: *Royal College of Art*, escola londrina de pós-graduação em artes e design; *Tate Modern*, galeria de arte moderna de Londres; *Victoria and Albert Museum* (grafado em inglês no original), museu de arte e design de Londres; entre outros aqui não mencionados por falta de espaço. Dentro desse contexto abundante de termos alheios à cultura brasileira, encontramos Paulo Coelho, um dos escritores mais vendidos do mundo, e sua obra *Brida*, cujos direitos autorais foram vendidos para 39 idiomas.

Existe, na narrativa, trechos em outras línguas, como francês e romeno. Há, ainda, léxico oriundo da mitologia grega, como *pitonisas* (sacerdotisa do Templo de Apolo), e romena, como *strigoi* (usado para designar as almas atormentadas dos mortos emergindo dos túmulos ou algumas pessoas vivas detentoras de algum poder mágico).

A literatura brasileira não é e não pode ser resumida a temáticas comumente associadas à nossa cultura, tais como futebol, samba, carnaval, clima tropical, injustiça social, paisagens exóticas, entre outras, as quais são corriqueiras no imaginário do público, sobretudo o estrangeiro. Esperar que toda nossa literatura aborde pelo menos um desses temas significa fomentar estereótipos, tão prejudiciais a todas as culturas, pelo simples fato de serem tomados como verdade representativa do todo. Entretanto, a investigação do léxico encontrado em *Aquele vento na praça* (2012) aponta para uma direção bastante diferente da esperada. A procura por palavras representativas da cultura brasileira, que ofereciam obstáculos à tradução, levou ao encontro de um conto com uma atmosfera alheia ao cotidiano do povo brasileiro, pelo menos da maior parte dele. Quase a totalidade das palavras e expressões é oriunda de outras línguas, culturas e da alta cultura, oferecendo ao leitor brasileiro não uma tradução estrangeirizadora, mas sim um original estrangeirizador, na medida em que quase nada lhe é familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que, de forma geral, existe uma tendência mais domesticadora de tradução no tratamento do léxico de maior carga cultural, principalmente quando se deixa de lado os nomes próprios referentes a lugares (pelo simples fato de serem nomes próprios, a tradução geralmente não interfere na grafia, exceto quando possui uma forma estrangeira consolidada). No entanto, trata-se apenas de uma tendência, pois, na realidade, as amostragens indicam uma falta de adoção consistente de um método. Por esse motivo, pode-se supor que há pouca reflexão, por parte dos tradutores, acerca da importância da preservação/anulação das características culturais, sobretudo das implicações das decisões tomadas.

Um dos pontos mais valiosos das análises é a constatação de uma presença marcante de traços indicativos de uma literatura mais universal. Isso parece mostrar que a literatura brasileira, ao menos a produzida pelos jovens escritores brasileiros, não se resume apenas àquelas imagens estereotipadas que fazem parte do imaginário estrangeiro: país tropical do samba, carnaval, futebol e malandragem.

Por um lado, conclui-se que as estratégias de tradução adotadas nos contos selecionados contribuem pouco para o reforço de nossa identidade nacional, pois a maioria das marcas culturais é neutralizada. Por outro lado, poder-se-ia afirmar que esse pouco reforço é resultado de uma falta de marcas culturais brasileiras na própria escrita original. No entanto, não podemos cometer o erro de acreditar que nossa cultura se resume a alguns poucos elementos visíveis e palavras, pois estamos a todo o momento sendo interpelados por outras culturas e, conseqüentemente, remodelando a nossa. As temáticas dos contos provam que estamos permeados por outras línguas, outras formas de ver e agir, resultados do imenso fluxo intercultural no qual estamos imersos. Não obstante, cabe o questionamento: estaria a literatura brasileira caminhando rumo a uma literatura universal ou mundial, sem marcas particulares ou sem uma raiz definida?

REFERÊNCIAS

- ERBER, Laura. Aquele vento na praça. In: FERRONI, M. (ed.). **Os melhores jovens escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p.25-36.
- ERBER, Laura. That Wind blowing through the Plaza. In: Granta Publications. **The best of young Brazilian novelists**. London: Granta Publications, 2012. p.101-112.
- ERBER, Laura. **Bénédicte não se move**. Formas Breves, 2014.
- ERBER, Laura. **Bénédicte vê o mar**. Editora da Casa, 2011.
- ERBER, Laura. **Celia misteriosa**. Paris e Roma: Illusion d'optique & Villa Medici, 2007.
- ERBER, Laura. **Ghérasim Luca**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- ERBER, Laura. **Insones**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- ERBER, Laura. **Körper und tage**. Stuttgart: Merz & Solitude, 2006.
- ERBER, Laura. **Os corpos e os dias**. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.
- ERBER, Laura. **Os esquilos de Pavlov**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.
- ERBER, Laura. **Vazados e molambos**. Editora da Casa, 2008.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today** 11.1, 1990.
- FERES, Lilia. **A cultura traduzida e a cultura em tradução**: a literatura brasileira contemporânea na revista Granta. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.
- FUENTES, Leonardo Padura. **The man who loved dogs**. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2013.
- FUENTES, Norberto. **The autobiography of Fidel Castro**. New York: W. W. Norton & Company, 2010.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. [s.d.]. **Carta de serviços ao cidadão**. Disponível em: www.bn.br/sites/default/files/documentos/diversos/2014/1115-institucional/institucional-786.pdf. Acesso em 06 ago. 2015.
- GRANTA (2012a). **Os melhores jovens escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- GRANTA (2012b). **The best of young brazilian novelists**. Granta: London, 2012.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, v.22, n.2, jul/dez 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- KATAN, David. **Translating cultures**: an introduction for translators, interpreters and mediators. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.
- LAUB, Michel. **A maçã envenenada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LAUB, Michel. Animais. In: FERRONI, M. (ed.). **Os melhores jovens escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p.11-23.
- LAUB, Michel. Animals. In: Granta Publications. **The best of young Brazilian novelists**. London: Granta Publications, 2012. p.13-25.
- LAUB, Michel. **Diário da queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LAUB, Michel. **Longe da água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LAUB, Michel. **Música anterior**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LAUB, Michel. **O gato diz adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LAUB, Michel. **O segundo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARQUEZ, Gabriel García. Watching the rain in Galicia. In: BUFORD, B. (ed.). **The best of Granta travel**. London: Granta, 1991, p.2-5.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. 15 jun. 2015. **Lançado edital para tradução de autores brasileiros**. Disponível em: www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1270586. Acesso em 06 ago. 2015.
- NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Harlow: Pearson Education Ltd., 2003.
- PORTAL BRASIL. 28 jul 2014. **Governo lança na Flip programas para internacionalizar literatura brasileira**. Disponível em: www.brasil.gov.br/cultura/2012/07/governo-lanca-na-flip-programas-para-internacionalizar-literatura-brasileira. Acesso em 06 ago. 2015.
- PROGRAMA DE APOIO À TRADUÇÃO E À PUBLICAÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS NO EXTERIOR. Brazil: Literature Translation Grant. Centro de cooperação e difusão Fundação Biblioteca Nacional. 11 set. 2012. **Ministério da cultura investirá US\$35 milhões na internacionalização da literatura brasileira até 2020**. Disponível em: bookcenterbrazil.wordpress.com/2012/09/11/in-egestas-mauris-et-erat-sed/. Acesso em 06 ago. 2015.
- ROSALES, Guillermo. **Leapfrog**. New York: New Directions, 2013.
- ROSALES, Guillermo. **The halfway house**. New York: New Directions, 2009.
- TAVARES, Gonçalo M. **Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility**: a history of translation. London and New York: Routledge, 1995.

